

A Crique, de Sylviane Vayaboury (primeiro capítulo)

*Jéssica de Souza Pozzi*¹

Resumo: Sylviane Vayaboury nasceu em Caiena, na Guiana Francesa, em 20 de abril de 1960. Ela é filha de um pai indo-guadalupense e de uma mãe guianense, tendo vivido, em função disso, tanto nas Antilhas (Guadalupe e Martinica), quanto na Guiana Francesa, onde mora atualmente. Foi professora do magistério em Caiena e lecionou também durante os anos em que morou em Paris, onde passou por uma formação complementar no Institut Universitaire de Formation de Maîtres (IUFM), em uma classe infantil de um hospital da capital francesa. De volta ao “país natal”, em 2007 ela assume o posto de encarregada de missão documentária do Centre Régional de Documentation Pédagogique em Caiena.

1 A Crique²

Suspensas, sem ar, gravidade zero todas as forças confundidas, natureza força vegetal primária, secundária, brejos, savanas e mangues exuberantes. Humana, *melting-pot*, mosaica, cosmopolita, pitoresca. Animais, todas espécies catalogadas sob a pausa silenciosa de sua música fascinante. Objetos inanimados, reanimados

1 Jéssica de Souza Pozzi é mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e licenciada em português/francês pela mesma instituição. É professora de francês e atuou como assistente de língua portuguesa em um colégio de ensino fundamental em Caiena entre 2015 e 2016. Assina, junto de Samanta Siqueira, a primeira tradução de Ina Césaire no Brasil (*Contos de noite e dia nas Antilas*, 2021, pela Editora Figura de Linguagem).

2 Em português, *crique* significa enseada/baía, mas é também o nome do bairro popular de Caiena que tematiza o romance de Vayaboury, por isso a escolha pela não tradução no título. (N.T.)

pela circunstância. Todos os elementos ainda não irrompidos. Todas perpetuavam seu sopro: a Crique vivia, sem dúvida, seus últimos dias...

Uma orelha atenta bastava. Ela poderia responder a todas as reivindicações, todas as interrogações, defender todas as teses.

O que inalava o ar do tempo antigo?

Caiena bicéfala, Caiena munida do seu canal Laussat, partida, escavada até o mar, dividida em margem direita e esquerda sob o olho ainda benevolente do seu construtor governador, Pierre-Clément, barão de Laussat. Caiena-canal, Caiena-baía suportando em sua margem esquerda o bairro prostrado, educado pobre e quente, periferia sul emplacada “A vila chinesa” timbrada “Chicago”.

Um olho experiente bastava. Ele poderia oferecer uma visão panorâmica, decifrar o campo visual, divertir-se a estender ao infinito o horizonte e a levá-lo a sua real dimensão. Em qual cama tinha se deitado esse bairro da Crique? Por quem ele tinha sido acalentado, quem tinha trocado suas fraldas, o alimentado e muito pouco banhado ele?

O bairro deserdado tinha mostrado a amplitude de suas ambições. Ele não tinha podido se contentar com esse canal Laussat obstruindo a vista sobre a outra margem mais abastada, margem direita arrogante com suas ainda maravilhosas casas crioulas cujo esplendor lembravam as épocas de glória aurífera. Havia sido necessário se colocar em um outro travesseiro natural, igualmente úmido, no refúgio das aningas, o canal Leblond margem superprotetora onde ele podia se desenvolver, contemplar de cara limpa, o rio de Caiena que guardava ainda enterrado no seu seio, no sutiá natural do mangue-vermelho, o exame fracassado do desembarcador do Larivot e dos barcos camaroneiros. Sobre o outro seio, ele tinha podido se enrolar, em uma última tentativa de captação dos últimos watts, vestígios eletrocutados da antiga usina elétrica da barragem Ronjon.

O bairro deserdado tinha antes abrigado populações autóctones, comunidades populares crioulofonas, anglófonas, os que não tinham nada, caras quebradas³ mochileiros fracassados. Seus *neg rot bò krik*⁴, *djobeurs*⁵, peixeiros pescadores da

3 No original “gueules cassées”, expressão que designa os homens que voltaram da Primeira Guerra Mundial com os rostos desfigurados. (N.T.)

4 Em francês “nègres d’ailleurs, de la Crique”, em português “pretos de fora, da Crique”. *Ròt bò krik* é também outra forma utilizada pelos Guianenses para se referirem à periferia da capital, Caiena, delimitada justamente pelo canal Laussat. Além disso, a expressão integrará o grito de resistência dos moradores do bairro frente à especulação imobiliária no romance de Vayaboury. (N.T.)

5 Homens que circulam pelos mercados na Guiana e nas Antilhas oferecendo pequenos serviços. (N.T.)

costa. Depois tinha exposto com insolência, desconfiança, força, provocação sua nova amostra, *patchwork* de populações trazidas pelo vento do marasmo econômico, as escórias do Haiti, da República Dominicana, da Guiana e do seu imponente vizinho brasileiro. Em um primeiro impulso, ele os tinha acolhido no seu seio-asilo longe de suas regiões agitadas. Elas tinham vindo assim beber gulosamente o leite até uma idade avançada em que a mãe-bairro, julgando-os autônomos, maduros, prontos para voar com suas próprias asas tinha-os chacoalhado, sacolejado, reciclado em suas ruas. As mulheres dominicanas tinham então se enfeitado com seus *big bobs* volumosos, gigantescos rolos revestindo uma cabeleira aprisionada, futura liberta que viriam talvez acariciar nas horas noturnas os clientes em sua voracidade sexual. Eles veriam as carnes duras, menos duras, celulitentas, estrientas e liberariam das calcinhas de seu estado recorrente de tensão sob as carnes rebentadas, asfixiadas sob as roupas coladas, moldadas, rompidas no exercício.

Outras divas da miséria vinham se confessar nos incontáveis bares, onde os olhares cruzados, as *pawol kontré*⁶, os chats se diluíam no fluxo musical agitado ragga, reggae, zouk, salsa, kompas...

Mesas e cadeiras tipo Grofillex colocadas à prova resistiam à fartura das sobreposições femininas, ao seu excesso de feminilidade, às suas bundas cheias de stretch oprimido, manifestando toda sua resistência, contendo as carnes brancas esquecidas sob as matérias sintéticas de cores saturadas. Criaturas embotadas, shortadas, costas-desnudadas, micro-saiadas próximas do mais simples instrumento aguardavam o cavalheiro, esperando a mais bela montagem, esperando sua generosidade. De suas energias, do seu entusiasmo, do calor úmido desimpedido, dependeriam clima, faturamento da noite no Chez Frédo, Chez Fédé, todos ativos na platina e pouco tímidos sobre seus preços.

Os homens consumidores ocasionais ou assíduos, raramente acompanhados, libidinosos, cafetões, traficantes, cada um servil a sua causa, brilhavam nesse quadro vivo. Alguns explodiam sob os olhares: fauna provocante, fauna jogada na cara das ideias recebidas, fauna *vyè mers*⁷. Um insulto aos bons costumes, com seus *locks* enfiados sob o *big* gorro rastafari, montanha Pelée emigrada, enlázada, tricotada, crochêzada, alto local de recepção de substâncias ilícitas, com seus desembarcadores, rede de fornecimento, garantia de ventilação.

6 Em francês “parole contée”, em português “palavra contada”. (N.T.)

7 Ritmo guianense. (N.T.)

O espetáculo declinava, em representação única, sobre sua cena mais cômica, jubilatória, no fedor de maconha degustada por um mestre da matéria. Não um mestre de cachorro, não um mestre professor! Por um mestre proprietário de um magnífico bulldog branco-neve, de banho tomado! Esse cachorro tendo renunciado aos prazeres do seu mestre. Esse cachorro preso na coleira, deitado de bruços para agarrar as últimas sensações frescas do piso barato. Patas de trás afastadas, sofrendo os ritmos bruscos do seu mestre embriagado pelo reggae ambiente e a explosão sonora de jogadores de dominó, jogadores de aguardente superexcitados, suando o rum tragado. Os olhos do bulldog transpiravam de perseguição, ralis humanos, desumanos, incessantes entre os representantes da ordem pública, policiais com cacetetezins, policiais cacetetezões, e a fauna masculina local, pitoresca. Forte, poderosa, em busca de preciosos euros. Enfeitada, blindada, armada, scooterizada, criadora engenhosa aos mil e um esconderijos de furtos a serem dissimulados, no seu instinto de sobrevivência ao cotidiano, nas barrigas que tinham de alimentar, nas bocas sedentas, nas suas mulheres à serem satisfeitas, na aparência a ser preservada, nas honras a serem conservadas.

Os butins se maravilhavam, entrepostos nas vias naturais, não naturais, no topo dos coqueiros, nos tênis Nike de última geração, nos concubinatos ativos de *dreadlocks* aprisionados, reprimidos, colocados em uma redoma, *pièce montée* culminante das toucas rasta.

Os olhos do mestre, emergindo vapores de aguardente e maconha se colocavam sobre uma outra fauna, ancorada nas calçadas, de sotaques do Oiapoque, de Macapá, de Belém, na venda dos seus charmes naturais, menos naturais nas forças residuais de cirurgia estética draconiana.

Mais afastado, mais alto, cubos de concreto estampando “Renovação Urbana” se impuseram no bairro deserdado. Ele se desculpou por ter de abarrotar suas massas populares, por estacioná-las em espaços reduzidos com vista para espaços mais amplos. Ele preferiria alargar seus limites, esticar-se de novo e de novo sobre os contrafortes dos manguezais. Açaizeiros, buritis, tucumázin, embaúba, bambus majestosos teriam sem dúvida acatado sua demanda, com uma multiplicidade de elogios diante do risco assumido, seu altruísmo, seu desejo de sublimação das casas crioulas.

Um nariz aguçado bastava. Ele poderia exalar todos os aromas, levar aos confins dos mares, dos oceanos, todos os fluidos do canal. Quais odores? Perfumados? Fedorentos? Todos os fluidos do canal de suas águas consumidas, consumidas pelas energias mobilizadas, consumidas pelas lutas cotidianas, consumidas pela evasão, consumidas pelo acerto de contas, consumidas por todas as misérias do

mundo. Todos os fluidos do canal, de seus fortes odores, fortes como a resistência das massas diante da opressão, da ordem imposta, fortes de linguagem crua, de traços brutos, de força física.

Esse mesmo nariz bastava. Ele não poderia ignorar as lamentações, discussões da fauna aquática, presa em águas profundas, dos mares, dos rios, das enseadas, dos mangues, presa nos trilhos, nas redes do pescador. Gerações de pescadas, de *mâchoirons*, de bagre bagres, de pirambus e outros tomavam de empréstimos desde sempre pela manhã, bem antes do canto do galo, a via real Canal Laussat, armazenadas em botes. Uma falta de informação lhe tinha cruelmente carecido.

Como saber que se os esperava ainda aqui mesmo na entrada do canal, último bastião da Resistência, que se lhes elevaria as guelras, que se lhes investigaria as escamas, os olhos para garantir seu frescor? Pois o cliente era exigente, ele saberia reconhecer os confrades de escamas passadas, lavadas, aos olhos translúcidos, deleitando-se nos odores ditos pestilentos que grudam na pele, limpeza instantânea.

Como saber que se os tinha outrora esperado, mais abaixo, no velho *maché poson*, mercado de peixes de grife pestilenta, exibido-os sobre tábuas, entreposto-os nas raras geleiras costeando os companheiros peixes salgados abertos ao meio e outras carnes da floresta, anta e queixada, que seus nomes estavam anunciados, glorificados?

Como saber que a massa de seus congêneres repousava atualmente nas grandes câmaras frias do mercado de interesse regional, não longe dali na outra margem, a arrogante, que queria aparentar outra coisa, se vestia com as normas europeias, tomava de empréstimo uma linguagem asséptica para o grande desespero das moscas e dos cachorros errantes espantados pelo quadro elegantemente exagerado?

Uma mão instruída bastava. Ela poderia esticar o braço, agarrar com seus dedos finos o canal e entregar-se às múltiplas palpações da margem irmã, a arrogante conhecida como menos sanguinolenta. Na maior proximidade, na maior e carinhosa intimidade, quais forças vinham roubar dela formas no entanto tão familiares? Quais forças vinham tatear, apalpar, se equipar?

No mercado, exercendo uma pressão delicada, a mão tinha reconhecido as barcas abrindo espaço aqui e ali sobre as bancas dos comerciantes hmong, surinamenses, haitianos e crioulos guianenses. Animada da marapuama, posta no corredor central dentre outros óleos com propriedades medicinais, ela recuperava toda a energia e se empenhava em bater, sovar o mosaico cultural. Fervilhante, emocionantes cheiros de inhame, de laranjas daqui misturadas com os rambutás, frutos da imigração hmong, e de cebola e alho progenitura nômade das revendedoras haitianas.

A mão estava desaparecendo, pouco antes do fim do espetáculo perto das treze horas, desaparecendo em um dos restaurantes laosianos do interior ao lado do artesanato do mercado central, revigorada por um suco de cupuaçú, de unhas feitas pelas forças florais das canas-da-índia, helicônias et rosas da areia entregues em estado bruto.

Uma boca sofisticada bastava. Ela poderia liberar todos os aromas contidos, todos os sabores de porco-do-mato, de caldo de awara, de blaff de peixe, de bananas fritas, de feijoada e outros encantos saborosos de sua banca caleidoscópica. Todas as indispensáveis delícias açucaradas e perfumadas, amargas, ácidas, convidadas a provar junto de um monte de bananas flambadas, para incendiar, explodir em um último grito pintado gastronômico: Resistência! Resistência! A Crique empratada! Prato de resistência, a Crique não deve desaparecer!

Essa orelha atenta, esse olho experiente, esse nariz aguçado, essa mão instruída, essa boca sofisticada não eram de outra pessoa senão de Felicia do outro lado do espelho, no *backstage*.

1 La Crique

Suspendues, apnées, apesanteur toutes forces confondues, nature force végétale primaire, secondaire, pripris, savanes et mangroves exubérantes. Humaine, melting-pot, mosaïque, cosmopolite, pittoresque. Animales, toutes espèces répertoriées sous pause silence de leur musique envoûtante. Objets inanimés, réanimés pour la circonstance. Tous les éléments pas encore déchainés. Toutes retenaient leur souffle: la Crique vivait, sans doute, ses derniers jours...

Une oreille attentive avait suffi. Elle pourrait répondre à toutes les demandes, toutes les interrogations, soutenir toutes les thèses.

Que humait l'air de l'ancien temps?

Cayenne bicéphale, Cayenne dotée de son canal Laussat, tranchée, creusée jusqu'à la mer, rivée de droite et de gauche sous l'œil encore bienveillant de son constructeur gouverneur, Pierre-Clément, baron de Laussat. Cayenne-canal, Cayenne-crique supportant en sa bordure gauche le quartier couché, élevé pauvre et chaud, banlieue sud plaquée minéralogique «Le Village Chinois» marquée du sceau «Chicago».

Un œil exercé avait suffi. Il pourrait offrir une vue panoramique, décrypter le champ visuel, s'amuser à étendre à l'infini l'horizon et à le ramener à sa réelle dimension. Dans quel lit s'était couché ce quartier de la Crique? Par qui avait-il été bordé, langé, nourri et si peu blanchi?

Le quartier déshérité avait montré l'ampleur de ses ambitions. Il n'avait pu se contenter de ce canal Laussat lui bouchant la vue sur l'autre rive plus cossue, rive droite arrogante avec encore ses superbes maisons créoles dont les fastes rappelaient les époques de gloire aurifère. Il lui avait fallu se poser sur un autre traversin naturel, tout aussi humide, à l'abri des moucou moucous, le canal Leblond rive maternante où il pouvait se déployer, contempler à visage découvert, la rivière de Cayenne qui gardait encore enfouis en son sein, dans le soutien-gorge naturel des rhizophoras rouges, le bac échoué du débarcadère du Larivot et des bateaux crevettiers. Sur l'autre sein, il avait pu se lover, dans une ultime tentative de captage des derniers watts, vestiges électrocutés de l'ancienne usine électrique de la digue Ronjon.

Le quartier déshérité avait d'abord abrité ses populations autochtones, communautés populaires créolophones, anglophones, lé san anyien, gueules cassées routards échoués. Ses neg rotb à krik, djobeurs, machann poson pêcheurs de la côte. Puis avait étalé avec insolence, défiance, force provocation son nouvel échantillon, patchwork de populations portées par les vents du marasme économique, les laissés-pour-compte d'Haïti, de la République Dominicaine, du Guyana et de son imposant voisin brésilien. Dans un premier élan, il les avait accueillies en son sein asile loin de leurs régions agitées. Elles étaient ainsi venues s'allaiter goulument jusqu'à un âge avancé où la mère quartier les jugeant autonomes, mûres, prêtes à voler de leurs propres ailes les avait brassées, shakées, recyclées dans ses rues. Des femmes dominicaines s'étaient ainsi parées de leurs bi bigoudis volumineux, gargantuesques rouleaux enrobant une chevelure détenue, future libérée que viendraient peut-être caresser aux heures nocturnes, les clients dans leur voracité sexuelle. Ils verraient les chairs tendues, moins tendues, celluliteuses, vergetureuses et libéreraient des strings de leur état récurrent de tension sous les chairs éclatées, étranglées sous les tenues moulantes, moulues, rompues à l'exercice.

D'autres divas de la misère venaient s'épancher dans les innombrables bars, où les regards croisés, les pawol kontré, les tchats se diluaient dans le flot musical brassé ragga, reggae, zouk, salsa, kompas...

Tables et chaises simili Grofillex mises à l'épreuve résistaient à l'entassement des superpositions féminines, à leur excès de féminité, à leurs fessiers débordant de stretch oppressé, manifestant toute sa résistance, contenant les chairs pòpòt reléguées sous les matières synthétiques aux couleurs saturées. Des créatures bottées, shortées, dosnusifiées, micro jupées proches du plus simple appareil attendaient leur cavalier, espérant la plus belle monture, espérant leur générosité. De leurs énergies, de leur entrain, de la chaleur moite dégagée, dépendraient l'ambiance, le chiffre d'affaires de la soirée Chez Frédo, Chez Fédé, tous actifs aux platines et peu farouches sur leurs prix.

Les hommes consommateurs occasionnels ou réguliers, rarement accompagnés, libidineux, proxénètes, dealers, chacun servile à sa cause, rayonnaient sur ce tableau vivant. Certains explosaient sous les regards: faune provocante, faune gifle aux idées reçues, faune vyé mers. Un pied de nez aux bonnes mœurs, avec leurs locks enfouis sous le big bonnet rasta, montagne Pelée émigrée, lainé, tricoté, crocheté, haut lieu de recel de substances illicites, avec leurs débardeurs filets à provisions, gage d'aération.

Le spectacle se déclinait, en représentation unique, sur sa scène la plus co-casse, la plus jubilatoire, dans des relents de marijuana dégustée par un maître en la matière. Pas un maître-chien, pas un maître d'école! Par un maître propriétaire d'un magnifique bulldog blanc- neige, toiletté! Ce chien ayant renoncé aux plaisirs de son maître. Ce chien tenu en laisse, couché à plat ventre pour saisir les dernières sensations fraîches du carrelage cheap. Pattes arrière écartées, subissant les rythmes saccadés de son maître enivré par le reggae ambient et l'explosion sonore de joueurs de dominos, joueurs tafia surexcités, suant le rhum ingurgité. Les yeux du bulldog transpiraient de courses-poursuites, rallyes humains, inhumains, incessants entre les représentants de l'ordre public, gendarmes ti bâton, gendarmes gran bâton, et la faune masculine locale, haute en couleur. Forte, puissante, en quête des précieux euros. Parée, blindée, armée, scootérisée, créatrice ingénieuse aux mille et une cachettes de butins à dissimuler, dans son instinct de survie au quotidien, dans ses ventres à nourrir, dans ses bouches assoiffées, dans ses femmes à satisfaire, dans l'apparence à préserver, dans les honneurs à sauvegarder.

Les butins s'émerveillaient, entreposés dans des voies naturelles, pas naturelles, à la cime de cocotiers, dans des baskets Nike dernière génération, dans des concubinages actifs de dreadlocks enserrés, muselés, mis sous cloche, pièce montée culminante des bonnets rasta.

Les yeux du maître, émergeant des vapeurs de tafia et de marijuana se posaient sur une autre faune, ancrage trottoirs, aux accents d'Oïapoque, de Macapa, de Belém, à la vente de ses charmes naturels, moins naturels aux forces résiduelles de chirurgie esthétique draconienne.

Plus loin, plus haut, des cubes de béton estampillés «Rénovation Urbaine» s'étaient imposés au quartier déshérité. Il s'en était excusé à devoir entasser ses masses populaires, à les parquer dans des espaces réduits avec vue sur grands espaces. Il aurait voulu repousser ses limites, s'étirer encore et encore sur les contreforts des palétuviers. Palmiers pinots, palmiers bâches, ti wara, bois canon, bambous majestueux se seraient sans doute pliés à sa demande, avec pléthore de louanges face à sa prise de risque, son altruisme, son désir de sublimation des cases créoles.

Un nez fin avait suffi. Il pourrait exhaler toutes les effluves, porter aux confins des mers, des océans, tous les fluides du canal. Quelles exhalaisons? Odorantes?

Malodorantes? Tous les fluides du canal de ses eaux usées, usées par les énergies mobilisées, usées de luttes quotidiennes, usées de cavales, usées de règlements de compte, usées de toutes les misères du monde. Tous les fluides du canal, de ses émanations fortes, fortes comme la résistance des masses à l'oppression, à l'ordre établi, fortes de langage cru, de faciès brut, de force physique.

Ce même nez avait suffi. Il ne pourrait ignorer les ébats, débats de la faune aquatique, saisie en eaux profondes, peu profondes, des mers, des rivières, des fleuves, des criques, des marais, saisie dans les tramays, les filets machann poson. Des générations d'acoupas, de machoirans, de cocos, de croupias et autres, empruntaient depuis toujours au matin, bien avant le chant du coq, la voie royale canal Laussat, entreposées dans des canots de fortune. Un manque d'information leur avait cruellement fait défaut.

Comment savoir qu'on les attendait encore ici même à l'entrée du canal, dernier bastion de la Résistance, qu'on leur soulèverait les ouïes, scruterait les écailles, les yeux pour s'assurer de leur fraîcheur? Car le client était

exigeant, il saurait reconnaître les confrères aux écailles délavées, relavées, aux yeux vitreux, tout en se complaisant dans les odeurs dites pestilentielles qui collent à la peau, dans les écailles qui lui font une seconde peau, au nettoyage sur l'instant.

Comment savoir qu'on les avait autrefois attendus, plus en aval, dans le vieux maché poson, marché aux poissons griffé nauséabond, exhibés sur des billots, entreposés dans de rares glacières côtoyant les copains poissons salés ouverts en portefeuille et autres viandes bois, maïpouri et pakira, que leurs noms étaient hélés, magnifiés?

Comment savoir que la masse de leurs congénères reposait actuellement dans les grandes chambres réfrigérées du marché d'intérêt régional, non loin de là sur l'autre rive, l'arrogante, qui voulait se donner des airs, s'habillait des normes européennes, empruntait un langage aseptisé, au grand désespoir des mouches et des chiens errants effarés par le tableau tro de djez, trop maniéré?

Une main experte avait suffi. Elle pourrait allonger le bras, saisir de ses attaches fines le canal et se livrer à moult palpations de la rive sœur, l'arrogante réputée moins sanguine. Dans la plus grande proximité, dans la plus tendre intimité, quelles forces venaient lui dérober des formes pourtant si familières? Quelles forces venaient tâter, palper, s'approvisionner?

Sur le marché, exerçant une douce pression, la main avait reconnu les chalands jouant du coude à coude sur les étalages des marchands hmongs, surinamiens, haïtiens et créoles guyanais. Animée du bois bandé, saisi dans la halle centrale parmi d'autres

flacons aux vertus médicinales, elle recouvrait toute l'énergie et s'employait à pétrir, malaxer la mosaïque culturelle. Grouillante, émouvante aux senteurs de dachines, d'oranges pays fusionnées aux ramboutans, fruits enfantés de l'immigration hmong, et aux zognon é ay progéniture nomade des revendeuses haïtiennes.

La main s'effaçait, peu avant la fin du spectacle vers treize heures, s'estompant dans l'un des restaurants laotiens intérieur jouxtant l'artisanat du marché central, requinquée par un jus de cupuaçu, manucurée par les forces florales des balisiers, héli-conias et roses des sables livrées à l'état brut.

Une bouche gourmande avait suffi. Elle pourrait libérer tous les arômes contenus, toutes les saveurs de cochon bois, de bouillon d'awara, de blaff de poisson, de banane pesée, de feijoada et autres enchantements gustatifs de son étal kaléidoscope. Tous les incontournables délices sucrés et parfumés, amers, acides, conviés à goûter ensemble sur un lot de bananes flambées, à flamber, exploser dans un ultime cri teinté gastronomique: Résistance! Résistance! La Crique mise à plat! Plat de résistance, la Crique ne doit pas disparaître!

Cette oreille attentive, cet œil exercé, ce nez fin, cette main experte, cette bouche gourmande n'étaient autres que ceux de Félicia de l'autre côté du miroir, l'envers du décor.

Nota da tradutora

Sylviane Vayaboury nasceu em Caiena, na Guiana Francesa, em 20 de abril de 1960. Ela é filha de um pai indo-guadalupense e de uma mãe guianense, tendo vivido, em função disso, tanto nas Antilhas (Guadalupe e Martinica), quanto na Guiana Francesa, onde mora atualmente. Foi professora do magistério em Caiena e lecionou também durante os anos em que morou em Paris, onde passou por uma formação complementar no Institut Universitaire de Formation de Maîtres (IUFM), em uma classe infantil de um hospital da capital francesa. De volta ao “país natal”, em 2007 ela assume o posto de encarregada de missão documentária do Centre Régional de Documentation Pédagogique em Caiena.

Apesar de pouco difundida mesmo no mundo francófono, Vayaboury esteve no Brasil em 2010 para o lançamento de seu segundo romance na feira do livro de Belém, promovendo uma intervenção junto aos alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da cidade, ação conjunta da Aliança Francesa da capital paraense e da Promolivre – instituição guianense que busca promover autores da região –, além de ter também feito uma fala na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Sua obra romanesca é ainda bastante breve, mas imponente no que diz respeito à literatura contemporânea da Guiana Francesa em nossa opinião. Em 2006, então, a autora publica seu primeiro romance, *Rua Lallouette prolongée*, texto autobiográfico que mergulha o leitor na intimidade de Vayaboury e em sua itinerância sintomática entre Antilhas, Guiana Francesa e França hexagonal. *La Crique* (2010), cujo primeiro capítulo traduzimos aqui, é seu segundo romance publicado, e escancara a dura realidade da periferia da capital guianense e a resistência de seus habitantes frente à pressão da crescente especulação imobiliária, não menosprezando o que parece ser o fio condutor de toda a obra da autora até o momento – como é também bastante comum nas obras de outras escritoras guianenses e antilhanas –: o protagonismo feminino. É também uma mulher, portanto, que protagoniza seu último romance publicado, *Exhibition de l'invisible* (2015).

Entre tradição e modernidade, sonho e realidade, a escrita da autora guianense se mostra complexa, mas bastante imagética, tornando assim a tarefa de seu leitor e, no que nos concerne, de seu tradutor, igualmente complexa. Chama atenção, em um primeiro momento, o uso de expressões em crioulo ao longo do romance que jamais são explicadas em nota ou no corpo do texto como fariam outros autores crioulofonos. Optamos por traduzir ao português algumas menos significativas para uma compreensão do contexto em que se insere a narrativa, mas mantivemos outras com notas de rodapé a fim de não apagar completamente as escolhas da autora que, ao nosso ver, são de extremo cuidado e importância para essa literatura que evidencia e reafirma uma questão identitária bastante singular.

Além disso, algumas escolhas tradutórias seguem aquelas do projeto pensado anteriormente para a versão em português dos contos orais recolhidos e transcritos por Ina Césaire, buscando assim manter uma coerência no que diz respeito à tradução da oralitura dos territórios ultramarinos franceses, que se insere no texto antilo-guianense quase que naturalmente em uma tentativa de preservar a tradição ou, mais especificamente, de preservar e recontar a história de uma comunidade que tanto se tenta apagar. É o caso, por exemplo, do uso do diminutivo – grafado como se fala (com terminação em “in” em vez de “inho”) – quando da escrita do *ti* (de *petit* em francês), bastante usual no meio crioulofônico. Da mesma forma, buscamos manter os neologismos que não raro aparecem no texto de Vayaboury, referindo mais uma vez à uma linguagem oral que prevalece em seu texto e que aparece igualmente na escolha da pontuação.

A oralidade, portanto, é peça fundamental na construção da narrativa de Vayaboury e talvez por isso a tarefa de lê-la ou de traduzi-la seja, ao mesmo tempo, complicada e instigante. Nesse sentido, convidamos o leitor a experienciar também

o universo das contações de histórias tão presentes nas comunidades francófonas das Américas lendo este primeiro capítulo de *A Crique* em voz alta.

Referências bibliográficas

VAYABOURY, Sylviane. *La Crique*. Paris: L'Harmattan, 2010.